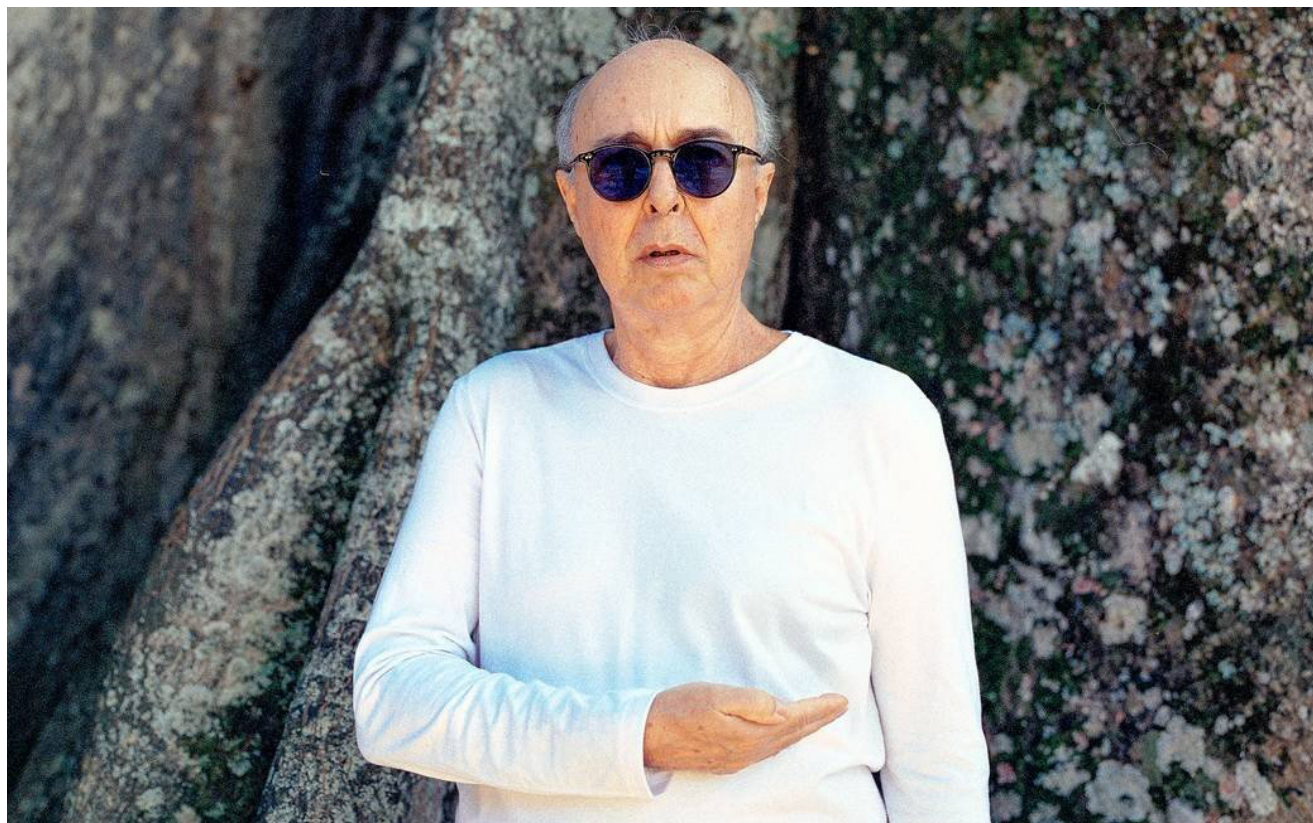


Nelson Angelo revisita sua própria obra em projeto inédito

Álbum “O Pensador” traz parcerias com Ronaldo Bastos, Milton Nascimento e outros grandes nomes da música brasileira

Chico Regueira, especial para O GLOBO

18/11/201



O músico e compositor Nelson Angelo Foto: João Atala / Divulgação

RIO — Nelson Angelo tem 70 anos mas parece um menino. Conserva o olhar brilhante e atento de uma criança que não deixa escapar nenhum detalhe do que acontece ao redor. Como se tudo, a qualquer instante, pudesse se transformar em música e poesia nas cordas do violão que parece grudado ao corpo dele. É um desses tipos raros que quando estamos ao lado sentimos uma força, uma presença de sensibilidade reservada aos grandes artistas. Aos 50 anos de carreira não para de produzir. Compõe o tempo todo e tem em casa um estoque com mais de 200 músicas inéditas.

— Faço música por necessidade, porque vem do espírito. — filósofa. — É uma comunicação com o poder do coração e que provoca reações físicas e químicas

em outras pessoas.

Há 50 anos as canções tocam e provocam as tais reações nos ouvidos mais delicados, como os de Caetano Veloso, que recentemente anunciou durante um show em Belo Horizonte que iria cantar “com um pouco de timidez e medo uma das músicas mais lindas que jamais existiram em toda a história do mundo”. Ele se referia a “Fazenda”, um dos clássicos do “Clube da Esquina”, com letra e música de Nelson.

A canção está no novo álbum “O Pensador”, já disponível nas plataformas digitais e que ainda vai ser lançado em vinil e CD pela gravadora Rocinante. É a primeira vez que Nelson Angelo revisita sua própria obra .

— É um plano antigo, faz uns três anos que queria fazer esse projeto. O curioso é que fui procurado pelo Silvio Fraga e pelo Thiago Amud e eles me apresentaram exatamente a mesma ideia. Achei que foi uma conjunção de querereres.

Parcerias luxuosas

No repertório estão canções feitas com parceiros da vida como “Dendágua” e “Tiro Cruzado”, com Márcio Borges, “Hotel Universo”, feita com Ronaldo Bastos, e “Testamento”, parceria com Milton Nascimento.

— A gente estava em Los Angeles gravando o “Journey to Dawn”, do Bituca, e eu tinha quebrado dois dedos da mão esquerda antes da viagem. Fiz essa melodia com os outros dois dedos que me restavam pra tocar. — lembra. — Lá, fui hospitalizado com suspeita de caxumba e quando voltei para o hotel o Bituca me recebeu com a letra prontinha, do jeito que ela é. Claro que durante as gravações os dedos já estavam bons.

O parceiro Fernando Brant, morto em 2015, é lembrado e homenageado na faixa “Canoa, canoa”.

— Tivemos uma amizade muito especial, de irmãos, e até hoje ele me faz

muita falta. Essa melodia foi feita enquanto eu navegava numa canoa, em um igarapé perto de Manaus. Mostrei pro Fernando e falamos sobre os povos Avá-Canoeiros e ele transformou aquele rio num lugar universal, fez poesia com a floresta, falou dos peixes sem estar lá.

Da Amazônia ao samba carioca, passando pelas montanhas de Minas Gerais, Nelson andou por muitos lugares. Frequentou o “Clube do Samba”, com João Nogueira, virou parceiro de Pixinguinha, em “1x0”, e viveu a boemia da “Turma do Funil”, ao lado de Tom Jobim, que quase não gravava músicas de outros compositores mas gravou “Tiro Cruzado”, composta com Márcio Borges e também está em “O Pensador”.

— O Tom gostava muito de algumas músicas minhas e teve um grande entusiasmo por essa porque a considerou muito original. Foi no disco “Tom e Miúcha” que eu também gravei tocando violão com eles.

Nelson Angelo passa os dias em seu estúdio, no Jardim Botânico, onde trabalha cercado por computadores. Compõe usando máquinas desde o início dos anos 1990 e sempre foi um entusiasta das novas mídias, mas hoje vê com receio a hiperconexão social.

— A internet é como a descoberta do átomo, chegou para coisas boas, mas acabou gerando a bomba atômica. — compara. — É uma invenção formidável para o progresso do mundo, mas ligou as pessoas em coisas que são de fora para dentro, com laços frágeis capazes de gerar ignorância e falsas conclusões.

Nelson Angelo segue compondo, segue cantando. Já prepara os shows de lançamento do disco novo e planeja o próximo que vai gravar. Perguntado se faz música pensando em como elas vão ser ouvidas no futuro, ele responde com o presente.

— Eu só tenho um conceito na hora de fazer. O depois é o depois. Daqui a 50 ou 200 anos eu gostaria de ser lembrado porque não existe música do passado ou do futuro. A música é uma arte de todo tempo. Beethoven, por exemplo, é moderníssimo.